

Júlio Verne

A Jangada - 800 léguas pelo Amazonas

SUMÁRIO

Primeira Parte

Um capitão-do-mato

*Szgxedhkhkxpdzqxqevrxgpgsvfnbpepvjthhrcytdxvks-
bxsgqytrpgcipvuygjtfsovfxdqretneslqhppixkipqeqqnuhh-
hynoxihftjvhhlfohmuqifpmoqnuorghpzpvizksuhivgntqer-
gopdqgchpvdydkskyxxcrfqyhetogiacipdqrtzfvsygapp-
mvgxbziohaofmrpfslsgcfepmqkyuuefcterhluzslyrinbe-
qvnohrvgvvhevnorspgaorqhtjbosuvjhd.*

O homem que segurava o documento, cujo último parágrafo era formado por essa estranha mistura de letras, ficou pensativo por alguns instantes depois de relê-lo atentamente.

O documento possuía uma centena dessas linhas, que não eram nem mesmo divididas por palavras. Parecia ter sido escrito há muitos anos e, na folha de papel grosso coberta pelos hieróglifos, o tempo já depositara sua pátina amarelada.

Porém, de acordo com que regra as letras haviam sido reunidas? Aquele homem era o único que poderia dizê-lo. Na verdade, as linguagens cifradas são como as fechaduras dos cofres-fortes modernos: elas são protegidas da mesma maneira. Há bilhões de combinações possíveis e toda a vida de um computador não seria suficiente para enumerá-las. Precisamos da "senha" para abrir um cofre de segurança; precisamos da "cifra" para ler um criptograma desse tipo. Por isso, é o que veremos, o documento resistira às tentativas mais engenhosas de decifrá-lo e nas circunstâncias da mais alta gravidade.

O homem que acabara de reler o documento não passava de um simples capitão-do-mato.

No Brasil, recebiam a denominação de "capitães-do-mato" os agentes empregados na busca dos negros fugitivos. Essa instituição data de 1722. Naquela época, as idéias anti-escravagistas só existiam no espírito de alguns filantropos. Foi preciso que se passasse mais de um século para que os povos civilizados aceitassem e adotassem essas idéias. No entanto, é o que parece, isso é um direito, o primeiro dos direitos naturais do homem — que e ser livre, dono de si mesmo e, todavia, milhares de anos transcorreram antes que surgisse em algumas nações o generoso pensamento de ousar proclamá-lo.

Em 1852 — ano em que se passa esta história — ainda havia escravos no Brasil e, conseqüentemente, capitães-do-mato para caçá-los. Algumas razões de economia política retardaram o momento da emancipação geral; mas o negro já tinha o direito de comprar sua alforria e os filhos que dele nasciam já nasciam livres. Contudo, não estava longe o dia em que esse magnífico país, no qual poderiam caber três quartos da Europa, não teria um único escravo entre seus dez milhões de habitantes.

Na realidade, a função de capitão-do-mato estava destinada a desaparecer num período muito próximo e, na época desta história, os ganhos conseguidos com a captura dos fugitivos haviam diminuído sensivelmente. Ora, se durante o longo período em que os lucros dessa profissão eram bem compensadores, os capitães-do-mato constituíam um mundo de aventureiros, mais comumente formado de escravos libertos e desertores que mereciam pouca estima, é natural que, naquele momento, os caçadores de escravos pertencessem à escória da sociedade e, muito provavelmente, o homem do documento não denegria a pouco recomendável milícia dos capitães-do-mato.

Esse Torres — assim ele se chamava — não era um mestiço, nem um índio, nem um negro, como a maioria dos seus companheiros: era um branco de origem brasileira, que recebera um pouco mais de instrução do que o necessário para a sua situação presente. Efetivamente, devemos vê-lo apenas como um desses desclassificados, igual a tantos outros encontrados nas longínquas regiões do Novo Mundo, e se, numa época em que a lei brasileira ainda excluía os mulatos e outros mestiços de alguns empregos, essa exclusão o atingira, não havia sido por causa da sua origem e sim devido à indignidade pessoal.

Aliás, Torres já não estava no Brasil. Recentemente atravessara a fronteira e havia alguns dias percorria as florestas do Peru, por onde avançava o curso do Alto Amazonas.

Torres era um homem de uns trinta anos, físico bem constituído, sobre o qual a fadiga de uma vida um tanto problemática não parecia ter efeito, graças a um temperamento excepcional e a uma saúde de ferro.

De estatura média, ombros largos, traços regulares, andar firme, rosto bronzeado pelo clima ardente dos trópicos, usava uma espessa barba preta. Os olhos, perdidos sob uma grossa sobancelha, lançavam esse olhar vivo, mas seco, das naturezas impudentes. Mesmo na época em que o clima ainda não o havia bronzeado, seu rosto, em vez de enrubescer facilmente, devia antes se contrair sob a influência das paixões condenáveis.

Torres trajava-se de acordo com a moda rudimentar dos caçadores. Suas roupas davam mostras de um uso prolongado: na cabeça, usava um chapéu de couro de abas largas, colocado de través; da cintura para baixo, uma calça de lã grossa que se perdia no cano das pesadas botas, a parte mais resistente do vestuário; por cima de tudo, um "poncho" desbotado, amarelado, não deixava ver como era o casaco nem o que restava do colete que lhe cobriam o peito.

Mas se Torres era um capitão-do-mato, evidentemente já não exercia essa profissão, pelo menos nas condições atuais. Isso se via nos insuficientes meios de defesa e ataque para a perseguição dos negros. Nenhuma arma de fogo: nem espingarda nem revólver. Na cintura, apenas um desses objetos que parecem mais um sabre do que uma faca de caça e que é chamado de "machete". Além disso, Torres estava munido de uma "enxada", usada particularmente na caça aos tatus e às cutias, que abundam nas florestas do Alto Amazonas, onde, geralmente, não há muito o que se temer dos animais selvagens.

Em todo o caso, naquele dia, 4 de maio de 1852, o aventureiro devia estar totalmente absorvido na leitura do documento diante de seus olhos ou, então, acostumado a perambular pelos bosques da América do Sul, mostrava-se indiferente aos esplendores das florestas. De fato, nada poderia distraí-lo da sua ocupação: nem o berro prolongado dos macacos gritadores que, acertadamente, o senhor Saint-Hilaire comparou ao ruído da machadada do lenhador descendo sobre os galhos das árvores; nem o seco tilintar dos anéis do crótalo, serpente pouco agressiva, é verdade, mas altamente venenosa; nem a voz aguda do sapo-de-chifre, que leva o prêmio de feiúra na classe dos répteis;

nem mesmo o coaxar ao mesmo tempo sonoro e grave da rã que muge, que, se não consegue ultrapassar o boi em Corpulência, iguala-o na intensidade dos mugidos.

Torres não ouvia nada de todos esses alaridos, que formam a complexa voz das florestas do Novo Mundo. Deitado ao pé de uma árvore magnífica, nem ao menos admirava a alta ramagem do "pau-ferro", de casca escura, cheio de bagos, duro como o metal, o qual substitui na arma e nos objetos do índio selvagem. Não! Abstraido nos seus pensamentos, o capitão-do-mato virava e revirava entre os dedos o singular documento. Com a cifra, cujo segredo possuía, dava a cada letra o verdadeiro sentido; lia, dominava o sentido das linhas incompreensíveis para qualquer outro que não ele e, então, abria um sorriso maldoso.

Depois, ele se deixou levar num murmúrio a meia-voz de algumas frases que ninguém poderia ouvir nesse lugar deserto da floresta peruana e que, aliás, ninguém compreenderia:

— Sim — ele disse —, eis uma centena de linhas nitidamente escritas, que têm para alguém, que eu sei quem é, uma importância da qual nem desconfia! Esse alguém é rico! É uma questão de vida ou morte para ele e, em qualquer lugar, isso custa caro!

E, olhando o documento com avidez:

— Apenas um conto de réis para cada palavra da última frase, é uma boa quantia! Essa frase tem seu preço! Ela resume todo o documento! Dá os verdadeiros nomes às verdadeiras pessoas! Porém, antes que alguém tente compreendê-la, deveria começar por determinar o número de palavras que contém e, mesmo assim, o verdadeiro sentido ainda lhe escaparia!

Dito isso, Torres começou a contar mentalmente.

— Há cinqüenta e sete palavras — gritou —, o que soma cinqüenta e sete contos! Só com isso é possível viver no Brasil, na América, em qualquer lugar que se queira, e viver sem fazer nada! E o que seria, então, se todas as palavras do documento me fossem pagas a esse preço!

— Seriam centenas de contos de réis! Ah! Mil diabos! Tenho aqui uma fortuna para receber ou serei o último dos idiotas!

Parecia que as mãos de Torres, apalpando a enorme soma, já se fechavam sobre os pacotes de ouro.

Bruscamente, seu pensamento tomou um novo curso.

— Finalmente — ele gritou — atingi meu objetivo e não lamento o cansaço da viagem que me levou das margens do Atlântico ao curso do Alto Amazonas! Esse homem poderia ter deixado a América, poderia estar além dos mares e, aí, como eu

poderia chegar até ele? Mas não! Ele está aqui, e, se eu subir no topo de uma dessas árvores, poderei ver o telhado da casa onde mora com toda a família!

Em seguida, pegou o papel e agitou-o, febril:

— Ainda hoje — disse — estarei diante dele! Ainda hoje saberá que sua honra e sua vida estão contidas nestas linhas! E quando quiser conhecer a cifra para poder lê-las, bom, terá de pagar por ela! Pagará, se eu quiser, com toda a sua fortuna, como também pagará com seu sangue! Ah! Mil diabos! O digno companheiro de milícia que me deu este documento precioso, que me deu o segredo, que me disse onde eu encontraria seu ex-colega e o nome sob o qual ele se esconde há tantos anos, esse digno companheiro nem suspeitava que fazia a minha fortuna!

Torres olhou uma última vez para o papel amarelado e, depois de dobrá-lo com cuidado, guardou-o num estojo de cobre, que também lhe servia de porta-moedas.

Na verdade, se toda a fortuna de Torres estava nesse estojo, do tamanho de um porta-charutos, em nenhum país do mundo ele passaria por rico. Ali havia um pouco de cada uma das moedas dos países vizinhos: dois condores de ouro dos Estados Unidos da Colômbia, cada um deles valendo em torno de dez pesos, bolívars venezuelanos que davam uma soma igual, soles peruanos que somavam o dobro, alguns escudos chilenos e outras moedas de baixo valor. Mas tudo isso não dava uma soma muito alta e, ainda por cima, Torres ficaria muito embaraçado para dizer onde e como a conseguira.

A única certeza é que, alguns meses antes, depois de abandonar bruscamente o trabalho de capitão-do-mato que exercia na província do Pará, Torres havia subido a bacia amazônica e atravessara a fronteira para entrar em território peruano.

Além do mais, para esse aventureiro, não seria preciso muito para viver. Quais as despesas necessárias? Nada para moradia, nada para roupas. A floresta dava-lhe o alimento que ele preparava sem gastos, à moda dos caçadores do mato. Bastavam-lhe alguns réis para o tabaco que comprava nas missões ou nos povoados, outro tanto para a aguardente do cantil. Com pouco, podia ir longe.

Depois de acondicionar o papel no estojo de metal, cuja tampa fechava hermeticamente, em vez de guardá-lo de volta no bolso da japona coberta pelo poncho, achou melhor, por excesso de precaução, depositá-lo ao seu lado, no vão da raiz de uma árvore, em cujo pé estava deitado.

Uma imprudência que lhe custaria caro!

Fazia muito calor. O tempo estava carregado. Se a igreja da aldeia mais próxima possuísse um relógio, teria soado as duas horas da tarde e, com o vento que transporta o som, Torres teria escutado, porque não estava a mais de duas milhas de distância.

Mas, sem dúvida, a hora era-lhe indiferente. Habitado a guiar-se pela altura, mais ou menos calculada, do sol no horizonte, um aventureiro não saberia dar exatidão militar aos diferentes atos da vida. Ele almoça e janta quando lhe apraz ou quando pode. Dorme onde e quando é tomado pelo sono. Se nem sempre a mesa está posta, a cama está sempre feita ao pé de uma árvore, na maciez de uma moita em plena floresta. Torres não era muito exigente em questões de conforto. A propósito, havia andado uma grande parte da manhã, acabara de comer um pouco e, agora, sentia que precisava dormir. Duas ou três horas de repouso iriam deixá-lo em condições de retomar a caminhada. Então, deitou-se na relva o mais confortavelmente que pôde, esperando o sono chegar.

No entanto, Torres não era dessas pessoas que dormem sem se preparar para essa operação com algumas preliminares. Ele tinha o hábito de, em primeiro lugar, tomar alguns goles de uma bebida forte, depois, fumava um cachimbo. A aguardente superexcita o cérebro e a fumaça do tabaco mistura-se à fumaça dos sonhos. Ao menos essa era a opinião dele.

Torres começou, então, por levar aos lábios o cantil, que trazia ao seu lado. Ele continha uma bebida conhecida geralmente pelo nome de "chica" no Peru e, mais particularmente, pelo de "caisuma" no Alto Amazonas. Ela é produzida com uma rápida destilação da raiz de mandioca doce, provocando-se sua fermentação, e à qual o capitão-do-mato, um homem de paladar meio embotado, achava que devia acrescentar uma boa dose de tafiá.

Depois de tomar alguns goles dessa bebida, Torres agitou o cantil e constatou, não sem pesar, que estava quase vazio.

— A ser renovado! — disse, simplesmente.

Em seguida, tirando um cachimbo curto feito de raiz, ele o encheu com o tabaco acre e inferior do Brasil, cujas folhas pertenciam à petúnia, levada para a França por Nicot, a quem devemos a vulgarização da mais produtiva e mais divulgada das solanáceas.

O tabaco não tinha nada em comum com o scaferlati de alta qualidade produzido nas manufaturas francesas, mas Torres não era mais exigente nesse ponto do que em outros. Ele atritou o fuzil na pedra, pôs fogo num pouco dessa substância viscosa conhecida pelo nome de "isca de formiga", secretada por alguns himenópteros, e acendeu o cachimbo.

Na segunda aspiração, seus olhos se fecharam, o cachimbo escapou-lhe dos dedos e adormeceu, ou melhor, caiu numa espécie de torpor que não era um sono de verdade.

Assaltante e assaltado

Torres dormia havia mais ou menos meia hora, quando um ruído se fez ouvir sob as árvores. Era um ruído de passos sorrateiros, como se alguém andasse descalço, tomando certas precauções para não ser ouvido. Ficar de sobreaviso contra qualquer aproximação suspeita teria sido o primeiro cuidado do aventureiro, se estivesse de olhos abertos naquele momento. Mas o barulho não fora suficiente para acordá-lo, e quem se aproximava pôde chegar perto dele, a dez passos da árvore, sem ser percebido.

Não era um homem, era um "guariba".

De todos os macacos de cauda preênsil encontrados nas florestas do Alto Amazonas, sagüis de formas graciosas, sajum de chifre, monos de pêlo cinza, micos que parecem usar uma máscara no rosto careteiro, o guariba é, incontestavelmente, o mais original. Sociável, menos selvagem, no que difere muito do "mucura", bravo e fétido, ele tende a se associar e, em geral, anda em grupos. Sua presença é assinalada de longe, por um concerto de vozes monótonas, que se parecem com as orações salmodiadas do clero. Porém, mesmo que a natureza não o tenha feito agressivo, não se pode atacá-lo sem precauções. De qualquer forma, como vamos ver, um viajante adormecido não deixa de ficar exposto, quando um guariba o surpreende nessa situação, sem poder defender-se.

Esse macaco, que também é conhecido no Brasil pelo nome de "barbado", é bem grande. A agilidade e o vigor dos seus membros fazem dele um animal robusto, apto tanto a lutar no chão quanto a saltar de galho em galho, no topo das gigantescas árvores das florestas.

Mas o tal macaco avançava devagar, com prudência. Lançava olhares à direita e à esquerda, agitando rapidamente a cauda. Com esses representantes da raça dos símios, a natureza, que não se contentou em dar-lhes quatro mãos — tornando-os quadrúmanos —, mostrou-se mais generosa e, na verdade, eles têm cinco mãos, pois a extremidade de seu apêndice caudal possui uma perfeita capacidade de preensão.

O guariba aproximou-se sem fazer barulho, segurando um sólido pedaço de pau que, manejado por seu braço forte, podia

tornar-se uma arma temível. Ele devia ter percebido o homem deitado ao pé da árvore havia alguns minutos, mas a imobilidade do dorminhoco, sem dúvida, incitou-o a vê-lo mais de perto. Então, avançou, não sem alguma hesitação, e parou, enfim, a três passos do homem.

O rosto barbudo esboçou uma careta que mostrava os dentes afiados, brancos como o marfim, e o bastão foi agitado de uma maneira pouco tranqüilizadora para o capitão-do-mato.

Com certeza, a visão de Torres não inspirava ao guariba idéias amigáveis. Será que ele tinha razões particulares para não gostar da amostra da raça humana que o acaso lhe entregava sem defesa? Talvez! Sabemos que alguns animais guardam na memória os maus-tratos recebidos, e era possível que esse tivesse alguma raiva de reserva contra o caçador.

Na verdade, sobretudo para os índios, o macaco era uma caça à qual se dava muito valor e, independentemente da espécie, eles o perseguiram com a determinação de um Nemrod, não somente pelo prazer de caçar, mas, também, pelo prazer de comê-lo.

Seja como for, se o guariba não parecia disposto a, dessa vez, inverter os papéis, se não chegava ao ponto de esquecer que a natureza fizera dele um simples herbívoro que pensava em devorar o capitão-do-mato, ele parecia, ao menos, decidido a destruir um de seus inimigos naturais.

Por isso, depois de olhá-lo por alguns instantes, o guariba começou a rodear a árvore. Andava lentamente, prendendo a respiração, aproximando-se mais e mais. Sua atitude era ameaçadora, sua cara, feroz. Não havia nada mais fácil do que matar, com um Só golpe, esse homem imóvel e, naquele momento, é certo que a vida de Torres estava por um fio.

O guariba parou uma segunda vez bem perto da árvore, postou-se de lado de modo a ficar por cima da cabeça do homem adormecido e levantou o pedaço de pau para atingi-lo.

Porem, se Torres havia sido imprudente ao depositar ao seu lado, no vão de uma raiz, o estojo com o documento e sua fortuna, essa imprudência salvou-lhe a vida.

Um raio de sol, esgueirando-se por entre os galhos, atingiu o estojo e o metal polido brilhou como um espelho. O macaco, com a frivolidade característica da espécie, imediatamente distraiu-se. Seu pensamento — se é que um animal pode ter pensamentos — tomou, na mesma hora, um outro rumo. Ele se abaixou, catou o estojo, recuou alguns passos e, levantando-o na altura dos olhos, olhou-o, não sem surpresa, fazendo-o cintilar.

Provavelmente ficou ainda mais confuso ao ouvir ressoar as moedas de ouro contidas no estojo. A música encantou-o. Era como um chocalho nas mãos de uma criança. Em seguida, levou-o à boca e seus dentes arranharam o metal, mas não tentaram cortá-lo.

Sem dúvida, o guariba devia acreditar que encontrara um novo tipo de fruta, uma espécie enorme de amêndoa brilhante, com um caroço que se movia livremente na casca. Mas logo percebeu o engano e, mesmo assim não achou que essa fosse uma razão para livrar-se do estojo. Ao contrário, apertou-o mais na mão esquerda e largou o pedaço de pau que, ao cair, quebrou um galho seco.

Torres acordou com o barulho e, com a presteza das pessoas sempre alertas que passam do sono para o estado de vigília sem transição, ficou imediatamente de pé.

No mesmo instante, percebeu que tinha um problema. — Um guariba! — gritou.

Por isso, depois de olhá-lo por alguns instantes, o guariba começou a rodear a árvore. Andava lentamente, prendendo a respiração, aproximando-se mais e mais. Sua atitude era ameaçadora, sua cara, feroz. Não havia nada mais fácil do que matar, com um só golpe, esse homem imóvel e, naquele momento, é certo que a vida de Torres estava por um fio.

O guariba parou uma segunda vez bem perto da árvore, postou-se de lado de modo a ficar por cima da cabeça do homem adormecido e levantou o pedaço de pau para atingi-lo.

Porém, se Torres havia sido imprudente ao depositar ao seu lado, no vão de uma raiz, o estojo com o documento e sua fortuna, essa imprudência salvou-lhe a vida.

Um raio de sol, esgueirando-se por entre os galhos, atingiu o estojo e o metal polido brilhou como um espelho. O macaco, com a frivolidade característica da espécie, imediatamente distraiu-se. Seu pensamento — se é que um animal pode ter pensamentos — tomou, na mesma hora, um outro rumo. Ele se abaixou, catou o estojo, recuou alguns passos e, levantando-o na altura dos olhos, olhou-o, não sem surpresa, fazendo-o cintilar. Provavelmente ficou ainda mais confuso ao ouvir ressoar as moedas de ouro contidas no estojo. A música encantou-o. Era como um chocalho nas mãos de uma criança. Em seguida, levou-o à boca e seus dentes arranharam o metal, mas não tentaram cortá-lo.

Sem dúvida, o guariba devia acreditar que encontrara um novo tipo de fruta, uma espécie enorme de amêndoa brilhante, com um caroço que se movia livremente na casca. Mas logo percebeu o engano e, mesmo assim, não achou que essa fosse uma razão para

livrar-se do estojo. Ao contrário, apertou-o mais na mão esquerda e largou o pedaço de pau que, ao cair, quebrou um galho seco.

Torres acordou com o barulho e, com a presteza das pessoas sempre alertas que passam do sono para o estado de vigília sem transição, ficou imediatamente de pé.

No mesmo instante, percebeu que tinha um problema.

— Um guariba! — gritou.

E pegando a machete que estava perto dele, pôs-se na defensiva.

O macaco, assustado, recuou de imediato e, menos valente diante de um homem acordado do que de um homem adormecido, deu uma rápida cambalhota e esgueirou-se por entre as árvores.

— Já não é sem tempo! — gritou Torres. — O patife ia me matar sem a menor cerimônia!

De repente, entre as mãos do macaco que parará a uns vinte passos e o olhava fazendo caretas como se quisesse desafiá-lo, ele percebeu o precioso estojo.

— Tratante! — gritou de novo. — Ele não me matou, mas fez pior! Roubou-me!

O pensamento de que o estojo continha o seu dinheiro não foi o que o preocupou de início. Mas o que o fez pular foi a lembrança de que o estojo guardava o documento, cuja perda, irreparável, arrastaria com ela todas as suas esperanças.

— Mil diabos! — gritou.

E, dessa vez, custasse o que custasse, querendo pegar seu estojo de volta, Torres lançou-se atrás do guariba.

Ele sabia muito bem que apanhar o ágil animal não seria fácil. No chão, ele fugiria muito rápido; nos galhos, Torres não o alcançaria. Só um tiro de fuzil com uma boa pontaria conseguiria pará-lo na corrida ou no trajeto aéreo; mas Torres não possuía nenhuma arma de fogo. O sabre e a enxada poderiam vencer o guariba, desde que conseguisse golpeá-lo.

Logo ficou evidente que o macaco só poderia ser pego de surpresa. Daí a necessidade de Torres usar de artimanhas com o malicioso animal. Parar, esconder-se atrás de algum tronco de árvore, desaparecer embaixo de uma moita, incitar o guariba a parar, ou a voltar atrás, não havia outra coisa a tentar. E foi o que Torres fez, começando a perseguição nessas condições; porém, quando o capitão-do-mato desaparecia, o macaco esperava pacientemente que reaparecesse e, com essa manobra, Torres se cansava, sem resultado.

— Guariba danado! — berrou em seguida. — Eu nunca vou conseguir e, desse jeito, ele vai levar-me de volta à fronteira

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

